

GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO

FENOMENOLOGIA

PSICOLOGIA

Nº 13

R\$ 14,90 / € 9,50

MEDITAÇÃO

Jung
HOMEOPATIA E
PSICOTERAPIA

68
páginas
sobre a humanidade e seu
comportamento

CONSUMO

Consumo
COMPRAR
PARA VIVER
OU VIVER PARA
COMPRAR?

MEDITAÇÃO
A atenção plena
como recurso
terapêutico

AMOR E TECNOLOGIA

Filme
AMOR E
TECNOLOGIA
EM ELA, DE
SPIKE JONZE

FENOMENOLOGIA
A ABORDAGEM
FILOSÓFICA
EM XEQUE

INFIDELIDADE

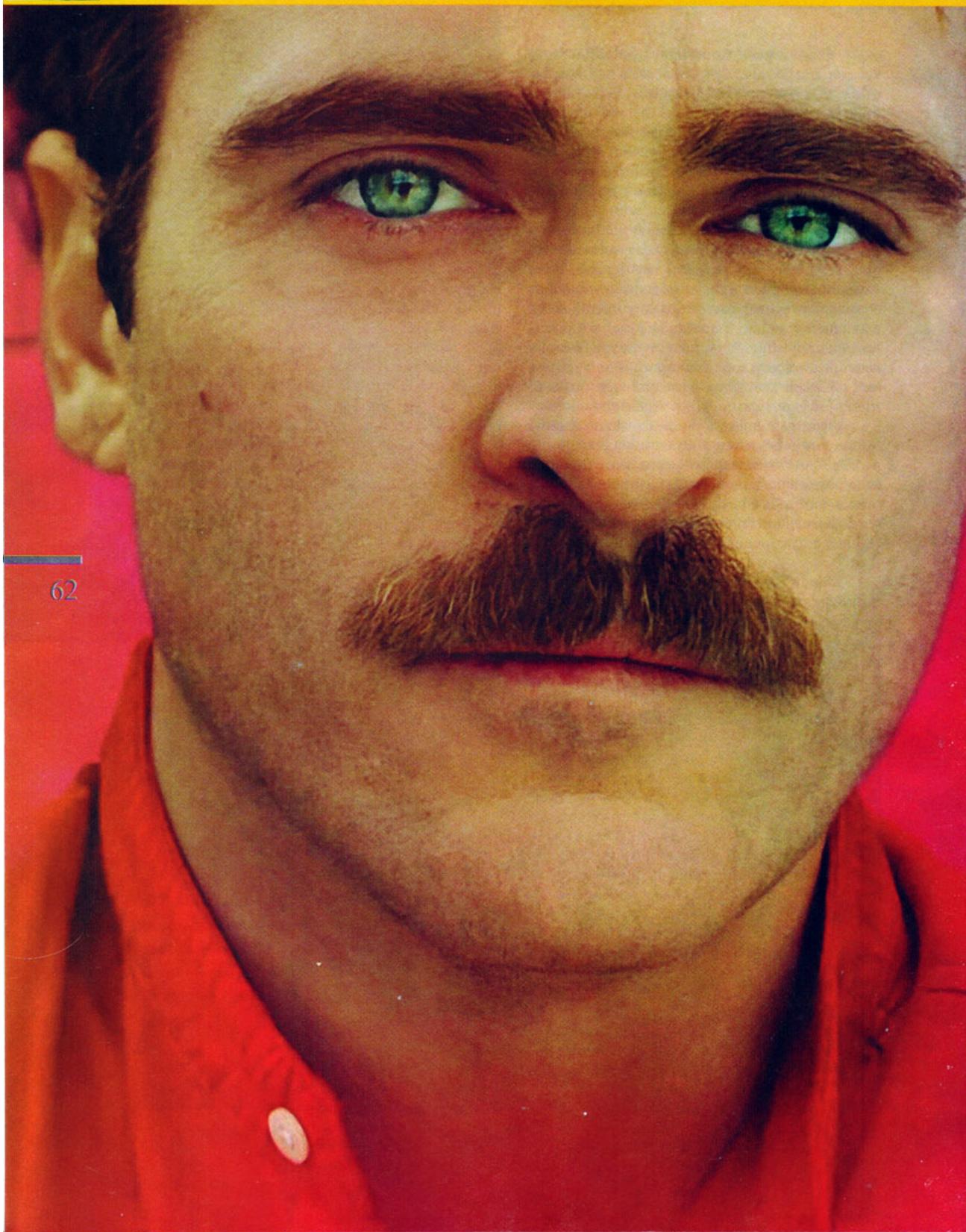
Comportamento
POR QUE
TRAÍMOS?





[FILME]

Fabrizio Basilio*



ela

Ao expandir as possibilidades da interface digital, Ela promove um interessante debate da relação homem e máquina, bem como os desafios e preconceitos que esta pode criar.

OPASSADO É SÓ UMA HISTÓRIA QUE CONTAMOS. Muito além de revelar o tom melancólico do filme, essa frase traz um conceito primordial para a concepção de *Ela* (2013): a construção fílmica se fará por meio do som e das interpelações vocais da materialidade carnal de Theo, interpretado por Joaquim Phoenix (*O Mestre*, 2012) e a presença não física de Samantha, um sistema operacional digital, dotado de inteligência artificial, a partir da voz de Scarlett Johansson (*Encontros e Desencontros*, 2003).

De todos os filmes concorrentes ao Oscar de melhor filme deste ano, *Ela* se credenciava não como um favorito, o que foi visto com a conquista de apenas o prêmio de melhor roteiro original. Mas concorria como o filme mais autoral, uma curva no rio diante de produções hollywoodianas pautadas pela transposição na tela de histórias reais ou adaptações das mais diversas. Com isso, o que o diretor Spike Jonze proporciona é um sutil relato que mescla o amor e a solidão, por meio de um organismo digital, que como os programadores que o criaram, desenvolve traços psicológicos humanos.

Ambientado num futuro próximo e, de certa forma, muito mais palpável do que a maioria

das produções futuristas, o filme apresenta Theo como um jovem escritor de cartas por encomenda que, recém-separado de sua esposa, divide seu dia entre a escrita de cartas afetuosas e a melancolia compartilhada em jogos de videogame e interações sexuais em salas de bate-papo. Diante dessa caracterização ordinária, o incidente incitante que move a trama surge na aquisição de um sistema operacional, vendidos às pencas em anúncios propagandísticos.

É nessa premissa banal que Jonze inverte a necessidade do cinema hollywoodiano por uma trama com ação declarada e épica. Em *Ela*, o clássico estopim das histórias de amor; “garoto encontra garota” é subvertido para garoto compra financeiramente um software, que se molda em sua garota. Nesse sentido, um primeiro ponto de análise do filme se faz pela tipificação da relação anímica entre as personagens fílmicas e a máquina.

A aquisição de uma tecnologia de ponta e a burocrática audiência que sugere à adequação do programa às necessidades do consumidor delatam a necessidade do personagem em preencher um vazio, não por meio da intensificação da subjetividade, mas sim, por uma indireta somatização

social, que se faz pela aquisição de um produto de fácil acesso e de grande escala de aceitação. Dessa forma, o entrelace entre os homens, proporcionado pela tecnologia, é mostrado no filme por um viés reflexivo sobre a frivolidade das interações humanas.

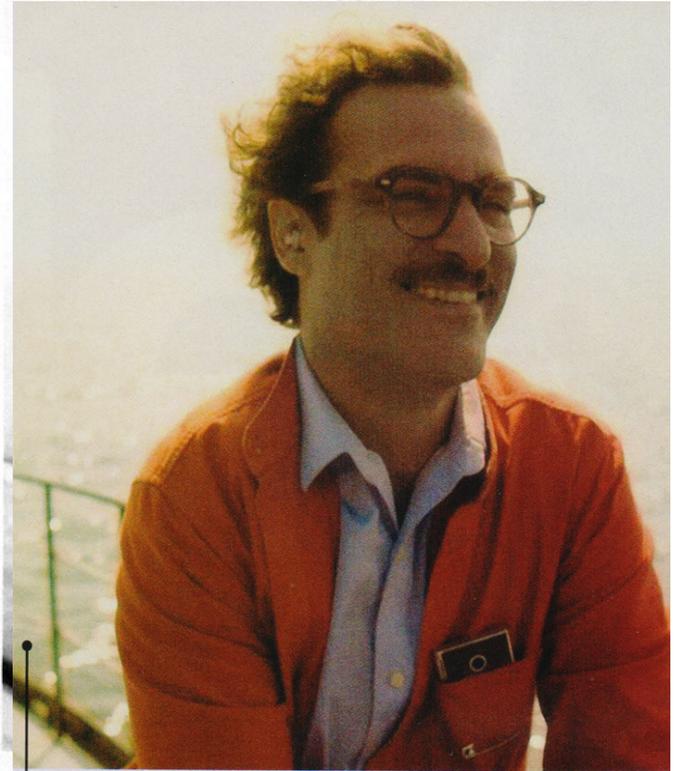
O que Jonze promove é uma antecipação do porvir, a partir de um ponto de vista que engloba formas de vida sedentas pelo preenchimento de um vazio existencial que, mesmo se tratando de projeções futuristas, estabelecem claramente um fio temático com as interações de homens e máquinas contemporâneas. Nesse sentido, uma sequência surge como emblemática. Nesta, Theo está sentado nas escadas, no metrô e, enquanto discute sua relação com Samantha, visualiza por meio dos figurantes que sobem a escada, uma interação do homem com as tecnologias de informação muito similar ao que se tem atualmente.

Assim, o espaço urbano construído em *Ela* se revela unificado, um território globalizado transformado em familiar, devido a uma construção de cena que difunde uma civilização anônima. Dessa maneira, a tecnologia no filme se apresenta por meio da remodelação dos fatores de interdependência social, na reavaliação e reconsideração do sentimento amoroso. É como se o espectador do filme observasse, pela ótica de seu protagonista, um novo passo na interação psicológica do ser humano.

Mas também não se pode esquecer que *Ela* é uma história de amor. É nesse estreitamento das fronteiras entre a tecnologia e o humano que o filme estabelece sua análise, transformando a crescente necessidade de interação do ser humano com o digital em um amor correspondido. Samantha respeita o trabalho de Theo, suas singularidades e mesmo a necessidade de uma relação corporal é extinta em sequências, como quando Theo leva Samantha à praia, ou quando os dois participam de um piquenique com um casal amigo de Theo.

Aliás, a construção da imagem é um tema recorrente na trama; em determinado momento, Samantha compõe uma música para o casal, que para ela representa uma fotografia. E antes disso o sistema operacional procurará nos estudos da física uma hipótese para um ponto de partida comum de materialidade entre ela e Theo: o início do universo.

Porém, os territórios que separam o casal vão se afluando no preconceito da ex-esposa de Theo, quando este lhe conta que está saindo com uma inteligência artificial. E também esbarram na tentativa frustrada de Samantha em constituir



Apassionado por um software, Jonze se encontra em um dilema que o divide entre a euforia de um amor e a vergonha de um relacionamento atípico.

uma relação sexual a partir do corpo de uma voluntária, sensibilizada pelas circunstâncias do relacionamento. E assim os protagonistas do filme arcam de um modo inusitado com o preconceito que uma relação amorosa humano-tecnológica pode acarretar.

Ao fornecer sentimentos a uma forma de vida digital, o filme contrapõe, por um lado, a hesitação de Theo diante do constrangimento que o relacionamento pode lhe trazer e, por outro, as multi-habilidades que Samantha é capaz de desenvolver. O que pode ser visto na indicação das cartas de Theo para publicação em uma editora e nas relações de Samantha com outros sistemas operacionais, capaz de despertar ciúmes em Theo.

Como toda história de amor, *Ela* busca seu clímax a partir dos altos e baixos proporcionados pelo relacionamento amoroso. E se o desfecho se revela surpreendente e propenso ao retorno da melancolia é para mostrar, em parte, como salienta a antropóloga Amber Case, que “somos todos ciborgues”. O que se manifesta como premissa essencial para uma concepção do vindouro, em que Spike Jonze tece impressões acerca da lida com as interfaces tecnológicas, de modo a aproximar substancialmente as fronteiras entre a arte cinematográfica do homem contemporâneo.